

PICO DO ITABIRA

Mitos e histórias de heroísmo

Com 715 metros de altitude e um paredão com mais de 400m de escalada, montanha já foi uma das mais difíceis de se escalar

Alessandro de Paula
CACHOEIRO

Considerado a Meca dos alpinistas capixabas devido à atração que exerce aos apaixonados pela altura e adrenalina, o Pico do Itabira, em Cachoeiro de Itapemirim, guarda histórias de aventura, heroísmo e lendas.

Com seus 715 metros de altitude e um paredão com mais de 400 metros de escalada, o Itabira é visto de praticamente qualquer ponto da cidade. Até a década de 50, a montanha era reconhecida como a mais difícil de ser vencida no País, segundo o Centro Excursionista Carioca. Hoje está entre os 20 principais pontos de escaladas do Brasil.

Um dos motivos dessa admiração, na opinião de Márcio do Nascimento Santana, 37, chefe de escoteiros e apaixonado por alpinismo, é que o Itabira permite várias modalidades de escalada, como big wall (grande parede), de aderência, negativa e escalada em blocos.

A montanha tem cinco vias de escalada. A Chaminé Cachoeiro, conquistada em 1960, é a mais utilizada, enquanto a mais famosa é a via da conquista ou via Silvio Mendes, de 1947. As outras são a via do teto, via da face noroeste e milênio.

Junto com as montanhas ao redor, forma o conglomerado do Itabira, considerado o maior centro de escalada do Estado, com mais de 20 vias, que vão de 100 a 400 metros, com diferentes graus de dificuldade.

Com área equivalente a 216 campos de futebol, o entorno foi transformado em parque municipal em 1988. Em 2007, o pico foi eleito como uma das sete maravilhas de Cachoeiro e em 2008 se tornou em monumento natural.

Em tupi-guarani, Itabira significa “pedra empinada”. Rodeada por nascentes e fragmentos de mata, a região também é procurada para passeios e acampamentos.

Márcio já levou os garotos do 06 Grupo de Escoteiros Baden Powell aos pés da montanha para acampar. Ele também escalou a pedra, chegando próximo ao topo. “Eu tenho verdadeira paixão pelo Itabira e pelo que a montanha representa para a cidade e a história do alpinismo. Meu sonho é retornar e, dessa vez, colocar meus pés no topo”.

“Meu sonho é retornar ao Itabira e, dessa vez, colocar meus pés no topo”

Márcio do Nascimento Santana, 37, chefe de escoteiros e alpinista



FOTOS: ALESSANDRO DE PAULA

MÁRCIO DO NASCIMENTO aponta para o Itabira, que é hoje um dos 20 principais pontos de escaladas do Brasil

Conquista demorou 19 dias

A primeira vez que o Pico do Itabira foi alcançado em 1947, se tornou num fato histórico. Após 19 dias de escalada, os alpinistas que conquistaram a pedra foram recebidos como heróis em Cachoeiro, com direito a carreata.

Na ocasião, a pedra era considerada a mais difícil do País em escalada. E cada relato de alpinistas que enfrentaram dificuldades na montanha reforça sua fama. Numa

ocasião, escaladores foram surpreendidos por um incêndio enquanto tentavam alcançar o topo.

Com o calor intenso, pedras se soltaram da parede, atingindo um dos escaladores que ficou cego.

O locutor Magno Santos também viveu momentos difíceis na pedra em 1996. Ele e o amigo foram surpreendidos por uma forte chuva durante a escalada. O colega conseguiu se abrigar numa fenda.

MÁRCIO observa primeiro grampo fixado para facilitar a escalada até o cume. Desbravadores foram festejados com carreata



Ele, como é maior, foi obrigado a enfrentar a tempestade por 16 horas, preso no paredão.

A conquista de 1947 contou com seis escaladores cariocas liderados pelo alpinista Silvio Mendes, que chegaram a Cachoeiro de trem pela Ferrovia Leopoldina, conta o chefe de escoteiros e alpinista Márcio do Nascimento Santana.

A equipe pediu apoio ao prefeito, que os atendeu, mas pediu que o cachoeirense Amâncio Silva estivesse no grupo.

Eles alcançaram o pé da montanha com caminhonete tracionada e mulas. Ao término da escalada, a conquista foi comemorada com fogos de artifício lançados do cume. Na cidade, o som foi replicado pelas sirenes das fábricas.

Quando os sete alpinistas desceram a montanha, foram conduzidos como heróis em carreata até o centro da cidade.

Relatos de Saci-Pererê, disco voador e Mãe do Ouro

Relatos de assobio de Saci-Pererê e aparições de disco voador e até da Mãe do Ouro, que indicam a presença do precioso metal, são comuns entre moradores e aqueles que acampam ao pé da montanha.

A região é a preferida entre escoteiros para acampamento. Numa dessas aventuras, o chefe dos escoteiros Aroldo Silva, que morreu há três anos, disse ter visto luzes brilhando no meio da pedra.

Para ele, foi a visita da Mãe do Ouro, uma mulher que, segundo a lenda, voa e brilha como uma bola de fogo, indicando locais onde existem jazidas de ouro.

Mas algumas pessoas acreditam serem essas luzes, discos voadores. Rodeada de matas, a montanha também seria morada do saci-pererê. O chefe de escoteiro Márcio do Nascimento Santana, 37, conta que ouviu relatos de moradores sobre assobios do personagem folclórico.

Para os puristas, primeiros indígenas a habitar a região, o Pico do Itabira era reverenciado como o deus da fertilidade. O motivo é o formato da montanha, que lembra o órgão genital masculino. Para eles, ter relações sexuais perto da montanha ajudaria a formar guerreiros para lutar contra os inimigos.

Pesquisadores acreditam que a área ao redor do pico foi moradia de temida tribo indígena. O medo era tanto que alguns historiadores acreditam que a primeira matriz, a Igreja Nosso Senhor dos Passos, a Matriz Velha, tem a estrutura semelhante a de uma fortaleza.



PICO DO ITABIRA: tribo indígena

CASOS



Experiências extremas

O locutor Magno Santos viveu experiências extremas na montanha. Em 1996, enfrentou duas noites inteiras de forte chuva e precisou beber água nas plantas para não morrer de sede.

Na ocasião, ele e o amigo subiram a montanha por uma via, e desceram no outro lado da pedra. Magno também ajudou a abrir com um grupo de amigos de Petrópolis, outra via até o topo, a face noroeste.



Morando em frente

Depois de chegar ao Pico do Itabira por duas vezes – uma escalando e outra de helicóptero, o funcionário público Jorge Luiz Gin Tanure, 47 anos, realizou outro sonho: morar a poucos metros da mais importante formação rochosa de Cachoeiro.

Atualmente, mora numa casa com a mulher e os filhos e desfruta do visual da imponente pedra da varanda.